

O sacerdote/presbítero e o conhecimento de Deus¹

*Ney Brasil Pereira**

* Mestre em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma. Professor emérito de Exegese Bíblica do ITESC. Pesquisador da FACASC.

¹ Discurso de Paraninfo da última turma de bacharelados do ITESC, em 10 de dezembro de 2015.



Labia enim sacerdotis custodient scientiam / et legem requirent ex ore ejus, quia angelus Domini exercituum est (Ml 2,7).

Permitam-me que comece com a citação de um texto de Malaquias na versão latina da Vulgata, de São Jerônimo. A Nova Vulgata muda o tempo dos verbos, traduzindo-os pelo presente, em vez do futuro. Isto, pela ambivalência temporal da forma *yiqtol*, do original hebraico. Eis a tradução em vernáculo, na Bíblia da CNBB: “*Os lábios do sacerdote devem guardar* [hebr. *yishmerû*: guardarão] *o conhecimento* [hebr. *da‘at*], *e da sua boca se espera* [hebr. *yebaqshû*: buscarão] *a orientação* [hebr. *torâ*, “lei”, “instrução”], *pois ele é mensageiro* [trad. lit. do latim: “anjo”] *da YHWH dos exércitos*”. A BJ, em vez de “devem guardar”, diz: “guardam”; em vez de “orientação”, diz: “ensinamento”.

Prezados bacharelados do curso de Teologia do ITESC, turma de 2015.

Convidado para dirigir-lhes a palavra, nesta manhã marcada pela celebração da vitória alcançada, com a obtenção do bacharelado em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Belo Horizonte, à qual o ITESC está afiliado, e marcada também pela outorga do título de “Professor emérito” a três ex-professores do mesmo Instituto Teológico de Santa Catarina, entre os quais se inclui este que vos fala, e assinalada ainda pelo lançamento de mais um precioso livro do meu distinto discípulo e há muito tempo colega, Pe. José Artulino Besen, não tergiversei na escolha do tema a ser abordado. É o tema do “conhecimento” que se espera e “se requer do sacerdote”, segundo a palavra do profeta Malaquias, que abriu o meu discurso. Além do termo “*conhecimento*”, também o termo “*sacerdote*” deve ser explicado. É o que faremos, partindo de um profeta do século VIII aC, Oseias, o qual, junto com Amós, dá início ao fenômeno que se chama de “profetismo literário”.

O texto de Oseias é o que se encontra no cap. 4º, vv. 4-9, do seu livro, logo depois do oráculo a que dei o título de “*Manifesto ecológico de Oseias*”, no artigo que acabo de escrever para a nossa revista, “Encontros Teológicos”². Depois de anunciar que “*YHWH vai abrir um processo contra os habitantes da terra*” [do “país”], porque “*não há fidelidade nem misericórdia nem conhecimento de Deus na terra*” [no “país”] (Os 4,1),

² PEREIRA, Ney Brasil, “O manifesto ecológico de Oseias (Os 4,1-3)”, in *Encontros Teológicos*, revista do Instituto Teológico de Santa Catarina, ITESC, Florianópolis, n. 72 (2015/3), pp. 139.



Oseias especifica quais são os “habitantes da terra” contra quem Deus move o processo: é contra os sacerdotes! Se não, vejamos (Os 4,4-9)³:

“(4) *Sim, mas que ninguém abra um processo e que ninguém julgue! Pois, na realidade, meu processo é **contra ti, ó sacerdote!*** (5) *Tropearás de dia, e contigo tropeçará, de noite, também o profeta; farei perecer a tua mãe.* (6) ***Meu povo está sendo destruído por falta de conhecimento.** E uma vez que **rejeitaste o conhecimento**, eu te rejeitarei do meu sacerdócio; uma vez que esqueceste o **ensinamento** do teu Deus, eu também me esquecerei dos teus filhos.* (7) *Porque, quanto mais numerosos se tornaram, tanto mais pecaram contra mim, eu mudarei sua Glória em Ignomínia.* (8) *Eles se alimentam dos pecados do meu povo e anseiam por sua falta.* (9) *Por isso, como ao povo, **assim acontecerá ao sacerdote**: eu o castigarei por seu procedimento, e farei recair sobre ele as suas obras”.*

1 O “sacerdote”

O vocábulo português “sacerdote” vem do latim *sacer* + *dos*, literalmente “dote”, “dom”, sagrado. Numa etimologia popular, alguns propõem *sacra dans*, “aquele que dá coisas sagradas”, p. ex., na nossa liturgia, os sacramentos. Mas a palavra latina traduz o hebraico *kohen*, lit. sacerdote⁴, também o sacerdote pré-aaronita ou, depois de Salomão, o sadocita, termo que evoluiu para “saduceu”, referente a Sadoc. A LXX, e também o NT, usa o termo gr. *hierêus*, cujo sentido etimológico, segundo Bailly, é o de “sacrificador”⁵. Em português, o termo “padre”, que vem do lat. *pater*, pai, corresponde ao italiano *prete*, ou ao francês *prêtre*, que por sua vez vêm do gr. *presbýteros*, termo que, com o *epískopos* e o *diákonos*, designa os ministros do NT. No “Ano Sacerdotal”, 2009, escrevi um artigo no qual eu proponha a conveniência de distinguir entre “sacerdote” e “presbítero”: “sacerdote”, é cada fiel batizado/a; enquanto “presbíteros”, com os “bispos” e os “diáconos”, são os sacerdotes ministeriais⁶ da nossa Igreja.

³ Segundo ANDERSEN, Francis I. e FREEDMAN, David N., in *Hosea. A new Translation with Introduction and Commentary*, The Anchor Bible, v. 24, New York, 1980, Doubleday, p. a unidade que começa em 4,1 estende-se até 5,17. Para os fins do discurso, concentro-me em 4,4-9.

⁴ Segundo alguns, com o sentido também de “servente”, servo.

⁵ Assim, no dicionário de BAILLY, Paris, 1950, Hachette.

⁶ PEREIRA, Ney Brasil, “Povo Sacerdotal”, art. in *Encontros Teológicos*, revista do ITESC, n. 53(2009/2), pp. 37-47.



Qual a função do sacerdote no AT? Naturalmente, a função que o caracterizava e que logo nos vem à mente, era a *litúrgica*, a de oferecer, imolando-os, os animais dos sacrifícios. Além disso, porém, ele tinha a função, diríamos, *catequética*, ou seja, evangelizadora, que era a de instruir o povo, ensinando-o a “*distinguir entre o sagrado e o profano, o puro e o impuro*” e relembrando aos israelitas “*todos os preceitos que YHWH estabeleceu, por intermédio de Moisés*”. Assim consta no livro do Levítico, na passagem em que se proíbe aos sacerdotes “*tomarem vinho ou bebida fermentada*”, “*sempre que vierem à Tenda da Reunião*” e “*sempre que tiverem de instruir o povo*” (cf. Lv 9,9-11).

Cerca de três séculos depois de Oseias, encontramos uma longa passagem do já citado profeta Malaquias, também com uma severa censura aos sacerdotes. Só que em Malaquias a censura é bilateral: talvez apoiando-se no citado texto do Levítico, Malaquias reprova os sacerdotes pela dupla negligência: tanto no culto (Ml 1,6-14), como na “*evangelização*” (Ml 2,1-9)⁷. Pela importância do texto, retomemos aqui, na tradução da CNBB, com algumas alterações, a segunda parte da invectiva do profeta:

“(2,1) *Agora, então, sacerdotes, é para vós o mandamento seguinte: (2) Se não derdes atenção, nem tiverdes em mente o desejo sincero de glorificar o meu nome – diz YHWH dos exércitos – eu vos mandarei a maldição, mudarei em maldições o que eram bênçãos. Amaldiçoarei, sim, porque não pusestes isto no coração. (3) Eu vos quebrarei o braço e jogarei esterco na vossa cara, o esterco das vossas festas rituais: e com o esterco sereis lançados para fora. (4) Ficareis sabendo, então, que vos mandei estas normas como aliança minha com Levi, diz YHWH dos exércitos. (5) Minha aliança com Levi significava vida e felicidade, e era isso o que eu lhe dava. Eu lhe impunha respeito, e ele respeitava e honrava o meu nome. (6) Em sua boca estava um ensinamento sincero, e maldade alguma se achava em seus lábios. Em paz e retidão caminhava comigo, e a muitos afastou da iniquidade. (7) **De fato, os lábios do sacerdote devem guardar o conhecimento, e de sua boca se espera a orientação, pois é mensageiro de YHWH dos exércitos.** (8) Mas vós, vos desviastes deste caminho! Fizestes que muitos tropeçassem na observância da Lei, quebrando a aliança de Levi, diz YHWH dos exércitos. (9) Por isso, tornei-vos desprezados e humilhados diante de*

⁷ Cf. PEREIRA, Ney Brasil, apostila “Os Profetas, nossos contemporâneos. Introdução ao profetismo”, Florianópolis, 1997, ITESC, edição xerocada.



todo o povo, uma vez que vos desviastes dos meus caminhos e fizestes acepção de pessoas no ensinamento”.

Quanto à “aliança com Levi”, ela refere-se à destinação exclusiva desta tribo ao sacerdócio. Segundo a TEB⁸, a Bíblia não a menciona explicitamente (?), mas por certo a supõe, como no livro do Êxodo, em recompensa pela adesão dos “filhos de Levi” a Moisés, quando da punição aos que caíram na idolatria do bezerro de ouro (Ex 32,25-29). Ver, a propósito, os direitos dos sacerdotes e de toda a tribo de Levi, em Dt 18,1-8; e ainda, a bênção da tribo de Levi, por boca de Moisés, em Dt 33,8-11. Uma informação interessante é a que temos, também no Deuteronômio, no caso de um homicídio não esclarecido: “*Chegarão em seguida os sacerdotes, filhos de Levi, os quais YHWH teu Deus escolheu para servi-lo a fim de abençoarem em nome de YHWH e, por sua palavra, decidirem qualquer litígio ou lesão corporal*” (Dt 21,5). Quase no final do AT, temos o testemunho do Sirácida, quando ele inicia o seu elogio de Aarão: “*Deus exaltou também Aarão, santo como seu irmão Moisés, da tribo de Levi. Confirmou para ele uma aliança eterna, dando-lhe o sacerdócio do seu povo*” (Sir 45,7-8). Ainda uma referência é a que encontramos no livro do Eclesiastes, num texto que costuma passar despercebido, especialmente porque o autor, em vez de empregar o termo “sacerdote”, fala do “mensageiro” de Deus, como aliás se expressa Malaquias na passagem acima citada (Ml 2,7): “*Não consintas que tua boca faça teu corpo pecar; para que não precisas dizer perante o Mensageiro: ‘Foi por inadvertência’...*” (Ecl 5,5). Esse “mensageiro”, em hebr. *mal’ak*, seria o Anjo, em cuja presença não é possível desculpar-se, pois uma de suas funções é anotar as boas obras (cf. Tb 12,12)⁹, ou é mesmo, como inequivocamente o supõe Malaquias, o sacerdote, diante do qual, no Templo, são apresentadas as ofertas pelos pecados?

2 O “conhecimento”

Para percebermos o motivo da gravidade da acusação de Malaquias e, mais ainda, de Oseias, ambos os quais, com veemência, lançam em rosto aos sacerdotes do seu tempo o pecado, por eles considerado gravíssimo, de **não transmitirem a seu povo o “conhecimento”**, é preciso

⁸ Em nota a Ml 2,4.

⁹ Na BJ, nota a Ecl 5,5.



vermos de que “*conhecimento*” se trata¹⁰. Esse “conhecimento” é de tal importância, que a sua falta faz o povo perecer, como afirma Oseias sem rebuços: “*Meu povo perece por falta de conhecimento*”¹¹ (Os 4,6).

Começando pela terminologia, vejamos qual o termo empregado por Oseias e como costuma ser traduzido. O sintagma hebr. em Os 4,2 é *da‘at ’elohim*, traduzido pela LXX como *epígnôsis Theou* e na Vg (e NV) como *scientia Dei*. Nas línguas modernas: *conhecimento de Deus* (CNBB, Almeida, Bíblia Hebraica¹², Matos Soares); *conoscenza di Dio* (CEI), *conocimiento de Dios* (CEE), *connaissance de Dieu* (BJ), *pénétration d’Elohim* (Chouraqui), *knowledge of God* (NAB), *acknowledgment of God* (NIV), *Gotteserkenntnis* (Einheitsübersetzung) etc.

Quanto ao substantivo hebr. *da‘at*, vem do verbo *yada‘*, conhecer, que pode ter conotação sexual, segundo o contexto, p. ex. em Gn 4,1: *O homem* [NV: Adão] *conheceu Eva*. O substantivo gr. *epígnôsis*, em Os 4,2, significa “reconhecimento”, e é usado como sinônimo de *gnôsis*, “conhecimento”, do verbo gr. *gignôskô*, conhecer. O termo latino *scientia*, usado pela Vg, poderia levar a mal-entendido, pois “ciência” em português designa o conhecimento científico, sistemático, metódico. Nesse sentido, a teologia dogmática, enquanto sistemática, metódica, é com razão qualificada como “ciência”, sendo estudada em Institutos ou Faculdades como a nossa, à semelhança de outros cursos, embora com método próprio. Haveria outros detalhes linguísticos a considerar, mas passemos para o sentido próprio do “conhecimento de Deus”, tão importante e decisivo, repito, para Oseias e Malaquias. E também, certamente, para Isaías, Miqueias e Jeremias.

O texto fundamental, para tirar qualquer dúvida sobre o significado do “*conhecimento de Deus*”, é, sem dúvida, Jr 22,16. Este versículo faz parte de um violento oráculo (Jr 22,13-19) contra Joaquim, o rei de Jerusalém que sucedeu a seu pai Josias, morto tragicamente na batalha de Meguido, no ano 609 aC. Jeremias reprova a Joaquim o luxo da reconstrução grandiosa do seu palácio, às custas do sangue, do trabalho mal remunerado dos operários. E contrapõe-lhe o modo justo de gover-

¹⁰ Expus sinteticamente o significado desse “conhecimento” num parágrafo do meu artigo citado acima, na nota 1.

¹¹ Na “Nova Tradução na Linguagem de Hoje”, da SBB, este v. é interpretado assim, a meu ver, incorretamente: “*O meu povo não quer saber de mim, e por isso está sendo destruído*”...

¹² Traduzida por Gorodovits, D. e Fridlin, J., “à luz do Talmud e das Fontes Judaicas”, Ed. Sefer, SP, 2006



nar de Josias, com estas palavras: “*Ele assumiu a causa do pobre e do indigente. [...] Não é isto conhecer-me? Oráculo do Senhor*” (Jr 22,16). Quer dizer, resulta claro que o “conhecimento de Deus” tem a dimensão antes de tudo horizontal, comprovando-se pela justiça e a misericórdia para com os pobres. É, aliás, o que Oseias resumiu no famoso versículo citado duas vezes por Jesus¹³: “*É o hesed, a misericórdia, que eu quero, e não animais sacrificados; o conhecimento de Deus, mais que animais queimados*”¹⁴. Neste famoso versículo, o paralelismo é claro: o “conhecimento de Deus” equivale à misericórdia (hesed) interumana. Mas síntese idêntica encontramos novamente em Jeremias: “*Aquele que queira gloriar-se glorie-se disto: de ter a inteligência e conhecer-me. Pois eu sou YHWH, que pratico a misericórdia [hebr. hesed] o direito e a justiça na terra. E é isto o que eu quero, oráculo de YHWH*” (Jr 9,23). Ainda em Jeremias, o “conhecimento de Deus” será uma das características, um dos dons da Nova Aliança: “*... Porei a minha Lei no fundo do seu ser e a inscreverei no seu coração. Então serei seu Deus e eles serão um povo. E não terão mais que instruir seu próximo ou seu irmão, dizendo: ‘Conhece a YHWH’, pois todos, do menor ao maior, me conhecerão, isto é, praticarão a justiça e a misericórdia...*” (Jr 31,33-34).

Em Isaías, cujo livro começa com um *rîb*, isto é, um processo de Deus contra seu povo, sendo testemunhas o céu e a terra, a primeira queixa do profeta contra Israel é a **falta de “conhecimento”**, isto é, pelo contexto, falta de “conhecimento de Deus”: “*Criei filhos e os fiz prosperar, mas eles se rebelaram contra mim. O boi conhece o seu dono, e o jumento, a manjedoura do seu senhor, mas Israel é incapaz de conhecer, meu povo não é capaz de entender!*” (Is 1,2-3) E, no cap. 11 do mesmo livro de Isaías, no magnífico oráculo messiânico que anuncia o surgimento de um “germe” do “toco” de Jessé, o versículo final, após a descrição da reconciliação dos contrários, dos fortes com os fracos – e isso por causa do governo justo do Messias, guiado pelo Espírito do Senhor – o profeta conclui: “*Ninguém fará o mal nem destruição alguma no meu santo monte, porque a terra estará cheia do conhecimento de YHWH, como as águas recobrem o mar*” (Is 11,9). Quer dizer: é a plenitude do “conhecimento de Deus” que realizará a utopia da plenitude da paz.

¹³ Mt 9,13 e 12,6.

¹⁴ Cf PEREIRA, Ney Brasil, “Misericórdia, Amor, Bondade. A misericórdia que Deus quer”, art. in *Encontros Teológicos*, n. 71 (2015/2), pp. 125-138.



Portanto, o “conhecimento de Deus”, em todos esses textos, é um conhecimento ético, prático, que leva à prática da justiça social e, mais ainda, da misericórdia. Caso contrário, é um falso conhecimento. Pode até demonstrar erudição, fruto de estudos e teses doutorais, mas não é o “conhecimento” que agrada a Deus. É a “fé sem obras”, recriminada pelo apóstolo Tiago no seu famoso axioma: “*A fé sem obras é morta*” (Tg 2,26). É o “conhecimento mentiroso”, do qual fala o Discípulo Amado na sua primeira carta: “*Quem diz que conhece a Deus, mas não guarda os seus mandamentos, é mentiroso, e a verdade não está nele*” (1Jo 2,4). Quais mandamentos? Resumem-se num só, segundo Jesus, o Mestre: “*O meu mandamento é este: que vos ameis uns aos outros, assim como Eu vos ame!*” (Jo 15,12. Também João, o discípulo, logo depois de falar dos “mandamentos”, no plural, escreve: “*Este é o seu mandamento: que creiamos no nome de Seu Filho, Jesus Cristo, e nos amemos uns aos outros, segundo o mandamento que Ele nos deu*” (1Jo 3,23). Isto é, para João, o “seu” mandamento é duplo: a fé cristológica e o amor fraterno. Mais, ainda, João: “*Não conhece a Deus, nem O viu, aquele que continua pecando*” (1Jo 3,6), isto é, não observando os mandamentos. E por último, numa das culminâncias da revelação do Novo Testamento: “*Quem não ama, não conhece a Deus, pois Deus é Amor*” (1Jo 4,8).

Conclusão

Comecei meu discurso com a citação, em latim, de Malaquias 2,7. Retomo-a, em vernáculo: “*Os lábios do sacerdote guardarão o conhecimento, e da sua boca [as pessoas] buscarão a orientação, a Lei, pois ele é mensageiro do Senhor dos exércitos*”.

São palavras dirigidas aos sacerdotes judeus do Segundo Templo, em meados do século V aC, mas podemos e devemos aplicá-las a nós, sacerdotes ministeriais, ou seja, presbíteros, presentes ou futuros, da Nova Aliança, hoje. Se nossos lábios devem “guardar” o conhecimento de Deus, devem guardá-lo no sentido de contê-lo para difundi-lo, não para fechá-lo egoisticamente para nosso próprio usufruto. Incurreríamos então na reprimenda do Mestre: “*Ai de vós, doutores da Lei, porque ficastes com a chave do conhecimento: vós mesmos não entrastes, e ainda impedistes os que queriam entrar!*” (Lc 11,52) A propósito, quem reparará o pecado dos pastores e teólogos da Igreja que, numa infeliz reação à reforma de Lutero, por vários séculos reservaram a Bíblia para



os que sabiam latim, e demoraram tanto para abrir os cursos de Teologia para os leigos e as leigas?

Outro detalhe de Malaquias. O profeta afirma que é “da nossa boca” que as pessoas “buscarão a orientação”, não no sentido de que pretendamos ser superiores a elas, mas no sentido de que temos obrigação, como presbíteros, de ser de certo modo especialistas nas coisas de Deus. Nesse sentido, os leigos não nos procurarão para questões de Direito Civil, de Medicina, de Economia etc, mas para ajuda e acompanhamento espiritual.

Por fim, retomo a grave advertência de Oseias contra os sacerdotes do reino de Israel no seu tempo, mas que vale plenamente para nós, presbíteros e estudantes de Teologia do início do 3º milênio: “*Meu povo – diz o Senhor – perece por falta de conhecimento! Por isso, meu processo é contra ti, sacerdote!... E uma vez que rejeitaste o conhecimento – o conhecimento de Deus que leva à prática da justiça e da misericórdia – eu te rejeitarei do meu sacerdócio!*” (cf Os 4,4-6). Que o Senhor, dando-nos a todos a graça de não pecar pela nossa omissão no dever de **conhecê-lo** e de transmitir o **conhecimento** ao seu povo, nos livre do perigo de sermos rejeitados.

Florianópolis, ITESC, 10-12-2015, Dia dos Direitos/Deveres Humanos.

E-mail do autor:

ney.brasil@itesc.org.br